



Expatriados, imigrantes e refugiados no Brasil: trajetórias e estratégias de integração econômica e social

Marco Aurélio Ruediger ¹

Margareth da Luz²

Maria Isabel MacDowell Couto³

Janaina de Mendonça
Fernandes⁴

Wagner Faria de Oliveira⁵

Bárbara Barros Barbosa⁶

Marcelo Rotenberg⁷

¹ Doutor em Sociologia pelo IUPERJ. Diretor da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas. E-mail: marco.ruediger@fgv.br

² Doutora em Antropologia pela UFF. Pesquisadora da FGV/DAPP. E-mail: margareth.luz@fgv.br

³ Doutora em Sociologia pela UERJ. Pesquisadora da FGV/DAPP. E-mail: mariaisabelmacdowell@gmail.com

⁴ Pós-doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFF. Pesquisadora da FGV/DAPP. E-mail: jmfernandes655@gmail.com

⁵ Mestre em Economia do Desenvolvimento pela UFRGS. Pesquisador da FGV/DAPP. E-mail: wagner.oliveira@fgv.br

⁶ Mestre em Economia do Desenvolvimento pela UFRGS. Pesquisadora da FGV/DAPP. barbara.barbosa@fgv.br

⁷ Mestre em Administração Pública pela EBAPE/FGV. E-mail: marcelo.rotenberg@fgv.br

Expatriates, immigrants
and refugees in Brazil:
trajectories and
strategies of economic
and social integration

<http://10.12660/rm.v8n13.2017.70588>

Resumo:

No início dos anos 2010, o Brasil passou a receber dois novos fluxos de imigrantes - nacionais dos países do Mercosul e refugiados, especialmente haitianos -, criando um tipo de hierarquia distinguindo entre imigrantes desejáveis e indesejáveis, com acesso diferenciado a recursos legais, sociais e culturais para sua integração na sociedade. Esse novo tipo de imigração, em oposição ao fluxo de origem europeia, sofre preconceito da sociedade, dificultando sua integração social e econômica. Com base em pesquisas qualitativas realizadas com imigrantes, este trabalho pretende discutir de forma comparativa os obstáculos e estratégias de inserção econômica e social utilizadas por três categorias de migrantes - expatriados, imigrantes e refugiados - para se integrar à sociedade brasileira e lidar com mecanismos de controle de migração e restrições no Brasil. Com base nos resultados, é possível gerar insumos para o aperfeiçoamento da política migratória brasileira.

Palavras-chave: Migração, Integração de migrantes, Política migratória.

Abstract:

In the early 2010s, Brazil started to receive two new inflows of immigrants – citizens from Mercosur countries and refugees, especially from Haiti –, creating a kind of hierarchy that distinguishes desirable and undesirable immigrants, granting different access to legal, social and cultural resources to their integration into society. This new kind of immigration, different from the flow from Europe, is the target of prejudice from society, making it more difficult for them to integrate socially and economically. Based on qualitative researches conducted with immigrants, this work aims to discuss comparatively the obstacles and strategies of economic and social integration which are used by three categories of migrants – expatriates, immigrants and refugees – to enter the Brazilian society and deal with mechanisms of migration control and restrictions in Brazil. Based on these results, it is possible to generate inputs to enhance Brazilian migration policy.

Keywords: Migration, Integration of migrants, Migration policy.

1. Introdução

As pesquisas sobre migrações são proeminentes nas ciências sociais, com destaque para a Economia, a Sociologia, a Antropologia, a Demografia, a Geografia, a Psicologia Social, e a Ciência Política. Richmond (1988), sugere que a questão das migrações teria sido tratada como mero efeito do processo de desenvolvimento do capitalismo, assim como dos processos de industrialização e de urbanização (SASAKI; ASSIS, 2000). Constam como exemplos a abordagem difusa de Max Weber que, como Emilie Durkheim e Karl Marx, estava mais interessado nas consequências da industrialização e do crescimento do capitalismo, e a reflexão sobre o fenômeno da migração produzida pelo demógrafo Thomas Malthus, para quem um incremento das migrações seria consequência inevitável da superpopulação.

No início do século XX, a migração se tornou objeto de estudo da sociologia norte-americana em resposta aos problemas sociais gerados pelo crescente fluxo populacional da Europa para os Estados Unidos (SASAKI; ASSIS, 2000). Thomas e Znaniecki (1984) demonstram como o processo de imigração atua na quebra de laços de solidariedade tradicionais, em especial o sistema familiar, integrando os imigrantes em um novo mundo regido principalmente por relações laborais e monetárias. O estudo tem um caráter documental e subjetivo, pois descreve a trajetória de um grupo social a partir do relato autobiográfico de um jovem imigrante polonês, radicado em Chicago (CHAPOULIE, 2001, p.146 *apud* OLIVEIRA, 2014). Nesse sentido, a Escola de Chicago expandiu os estudos migratórios, tendo como preocupação os processos de adaptação, integração e assimilação dos imigrantes na sociedade americana. Desenvolveu também o conceito de *meltingpot*, que viria a ser questionado nos anos 1960, com o ressurgimento da etnicidade e a consequente contestação da insensibilidade quanto a identidades individuais e grupais (GREEN, 2008).

Segundo Gabaccia (1992), o crescente interesse contemporâneo pelo fenômeno migratório estaria marcado por análises econômicas, que enxergam os imigrantes como indivíduos atomizados – e não como pessoas inseridas em redes de relações sociais. De acordo com a autora, uma outra perspectiva sobre as migrações internacionais vem emergindo, tomando como ponto de partida a constituição de um espaço transnacional de relações – que perpassa fronteiras culturais, geográficas, políticas e legais. Por essa abordagem, os imigrantes aparecem integrados em redes que vinculam pessoas, projetos, interesses e instituições em diferentes partes do globo.

A abordagem econômica *mainstream* busca explicar os fluxos migratórios internacionais a partir da regulação entre a oferta e a demanda de vagas de emprego no mercado de trabalho – o que, usualmente, gera diferenças de salário e de oportunidades entre países. Trabalhos clássicos como o de Sjaastad (1962) e o de Borjas (1999; 2000) entendem a questão migratória a partir de um arcabouço de alocação de recursos, associando a mobilidade internacional de pessoas com o modelo de equilíbrio geral típico da teoria *mainstream*, na qual a perfeita mobilidade de pessoas, associada à escolha individual racional, gera como resultado um equilíbrio eficiente do ponto de vista da maximização do bem-estar geral.

Esse tipo de abordagem foi criticado por Portes (1976), que rejeita a sobrevalorização das relações econômicas em detrimento das expectativas socialmente orientadas. Em outros termos, os migrantes não deveriam ser tomados primeiramente como indivíduos maximizadores, extirpados de suas relações sociais, mas como integrantes de estruturas coletivas com comportamento complexo, que condicionam sua mobilidade espacial e socioeconômica (SASAKI; ASSIS, 2000).

Nos últimos anos, os chamados novos estudos desafiaram hipóteses e conclusões dos estudos clássicos, incorporando diferentes elementos à análise. Autores como Docquier e Machado (2013), Alesina, Harnoss e Rapoport (2013) e Stark e Dorn (2013) vêm realizando estudos a partir de bases de dados que permitem análises mais complexas do fenômeno migratório associado a questões de trabalho.

Nesse sentido, pode-se dizer que é crescente a preocupação da literatura com fenômenos coletivos mais amplos e não apenas a decisão individual de migrar por questões econômicas (MASSEY et al, 1987; SASAKI; ASSIS, 2000). O sentimento de adesão a diferentes grupos étnicos ou culturais, crenças religiosas, entre outros, condiciona a decisão de emigrar, bem como a escolha do país de destino. Massey et al (1987) e Sasaki e Assis (2000) sugerem que as famílias (ou unidades domiciliares), bem como outras unidades de produção e consumo culturalmente estabelecidas, além das redes relacionais, prevalecem sobre os interesses dos indivíduos, portanto devem ser o principal foco de análise para o entendimento das migrações. Além do diferencial de renda e das políticas públicas de atração, seria preciso considerar as redes de proteção criadas por imigrantes, inclusive como artifício para a minimização de riscos inerentes às flutuações dos mercados de trabalho. O presente artigo está alinhado com este debate.

O aumento dos níveis de migração internacional tornou-se uma questão política significativa em muitos países nos últimos anos. No caso do Brasil, o Estatuto do Estrangeiro, criada em 1980 no período da ditadura militar, era focada na segurança nacional e apresentava uma série de restrições à imigração. As dificuldades impostas pela lei foram intensificadas por uma gestão de imigração, não integrada entre os diferentes atores estatais e marcada por processos burocráticos lentos e ineficientes, cujo maior gargalo é o serviço prestado nos postos de controle de fiscalização da Polícia Federal. No início dos anos 2010, houve um fluxo de haitianos que junto à imigrantes do MERCOSUL de baixa qualificação criaram um tipo de hierarquia de imigrantes com a distinção entre imigrantes desejáveis e indesejáveis, com acesso diferenciado a recursos legais, sociais e culturais para integração na sociedade similar a realidade destes em outros países.

Tendo em vista esse contexto, o artigo apresenta os resultados de pesquisa realizada junto a imigrantes no Brasil com o objetivo de aferir e analisar percepções dos investigados acerca da política migratória do país. O artigo está estruturado, além desta introdução contendo revisão da literatura, em quatro partes. A seção 2 apresenta a metodologia adotada. A terceira seção descreve e analisa os resultados, e a última seção traz as considerações finais.

2. Metodologia

A pesquisa original propunha uma análise comparativa das estratégias de inserção econômica e social utilizadas por quatro perfis de migrantes (expatriados, imigrantes, refugiados e os detentores de visto por razões humanitárias) e dos mecanismos de controle de migração e constrangimentos no Brasil.

Foi adotada uma metodologia qualitativa de pesquisa com a realização de grupos focais, voltados para as seguintes questões:

- Percepções sobre a política de imigração no Brasil;
- Avaliação sobre o processo de imigração;
- Razões para emigrar e de escolha do Brasil como destino; e
- Condições de adaptação e vida na sociedade brasileira.

Ao todo foram realizados 8 grupos focais com imigrantes de diversas nacionalidades⁸ recrutados a partir de uma descrição do perfil esperado de acordo com as seguintes composições:

- 2 grupos de imigrantes que exerciam atividades profissionais de nível técnico;
- 2 grupos de imigrantes que exerciam atividades profissionais de nível superior;
- 2 grupos de imigrantes de perfil acadêmico;
- 1 grupo de empreendedores - imigrantes que abriram algum tipo de negócio no Brasil;
- 1 grupo de imigrantes com refugiados e detentores de vistos concedidos por razões humanitárias.

O grupo focal é uma reunião informal na qual um pequeno número de participantes discute assuntos de interesse da pesquisa (MERTON; FISKE; KENDALL, 1999). A conversa é orientada por um roteiro aberto e flexível: um profissional de moderação introduz o debate e encoraja os membros do grupo a discutir o assunto entre eles. A flexibilidade dos grupos de foco permite que vários tópicos sejam discutidos, e que novas questões surjam, reorientando o curso da pesquisa (KRUEGER, 1998). Há persuasão e constrangimento entre os participantes, e esses fatos são presenciados e analisados. Ademais, o debate permite que os participantes elaborem melhor seus argumentos: o pressuposto é de que os indivíduos sejam mais propensos a expressar suas ideias quando ouvem as ideias de outros (FRANKLAND; BLOOR, 1999). Na análise, são levadas em consideração as categorias sociais utilizadas; o contexto emocional no qual a informação foi obtida; as concordâncias e

⁸ Não houve uma predefinição de nacionalidades “desejadas”. Naturalmente, as nacionalidades guardam relação com o perfil do estoque de imigrantes no Brasil (majoritariamente composto por latino-americanos, haitianos, europeus e norte-americanos).

divergências entre as opiniões dos participantes; as mudanças de opinião ocasionadas pela interação; as respostas vinculadas a experiências pessoais, em contraste com impressões vagas; e, por fim, as ideias principais, os gestos, as reações e sentimentos.

Como resultado disso, os trechos apresentados neste documento – uma amostra que destaca passagens mais relevantes entre todos que foram utilizados pela análise - são fruto do processo de discussão, ainda que sejam relatados como falas individuais. Como mostrado acima, entende-se que a interação e o contexto foram cruciais para que essas falas emergissem, o que não necessariamente teria ocorrido em entrevistas em profundidade.

3. Principais resultados

Os principais resultados dos oito grupos focais realizados entre os dias 20 e 25 de agosto de 2015, estão organizados com base nos perfis: um com refugiados, seis com imigrantes - subdivididos por qualificação profissional e atividade - e um com empreendedores – que iniciaram negócios no Brasil.

O grupo de refugiados e detentores de vistos concedidos por razões humanitárias era composto por imigrantes do Haiti (4), do Mali (3) e da República Democrática do Congo (1). É importante fazer a ressalva que alguns participantes estavam em processo de aprendizado do português, tornando muito difícil distinguir os fonemas verbalizados. Houve momentos em que a moderadora precisou do auxílio de outros participantes para atuarem como “tradutores”.

Os integrantes deste grupo eram todos homens, entre 24 e 34 anos. A média de tempo de residência no Brasil neste grupo era de pouco mais de dois anos - sendo que aquele que chegara há mais tempo estava no país há quatro anos, e o imigrante mais recente chegara há um ano. Com a exceção de um tecnólogo em mecatrônica que também dava aulas de inglês e francês, os participantes deste grupo ocupavam cargos de baixa qualificação, mas cabe observar que dois deles, no momento da pesquisa, buscavam maior qualificação profissional.

O grupo de empreendedores foi composto por proprietários de negócios no Brasil, sendo duas mulheres e seis homens, entre 31 e 36 anos à exceção de um homem de 56 anos. Três dentre os participantes estavam no Brasil há pouco mais de um ano, e os demais haviam chegado há 3 ou mais anos - totalizando uma média do grupo de pouco menos de 3 anos e meio de estadia no Brasil. Outra característica interessante diz respeito à origem destes imigrantes: 5 eram provenientes da própria América Latina (México, Chile, Haiti), 2, da Europa (França e Espanha), e 1, de Angola. Nenhum deles possuía filhos nascidos no Brasil, mas 5 deles estavam em relacionamentos - casamentos ou uniões estáveis - com brasileiros.

Os outros 6 grupos focais foram divididos de acordo com a qualificação/atividade em acadêmicos, técnicos e indivíduos com alta qualificação. No total os grupos de imigrantes acadêmicos somaram 10 mulheres e 5 homens entre 21 e 37 anos, com uma média de

pouco menos de 3 anos de chegada ao Brasil. Um dos participantes era oriundo dos Estados Unidos; dentre os demais, metade veio da América Latina (3 da Colômbia, 2 do Chile, 1 do México e 1 do Equador), e metade da Europa (1 de Portugal, 1 da Escócia e 5 da França). Cabe destacar que 9 participantes eram estudantes - de graduação ou pós -, 5 eram professores de línguas, e 1 era orientador acadêmico.

Os grupos de imigrantes altamente qualificados totalizaram 10 homens e 4 mulheres, entre 25 e 38 anos. Dentre os entrevistados, 8 eram franceses, e outros 2 eram também europeus (Portugal e Itália). Os demais eram latino-americanos: 3 chilenos e 1 argentino. A média de tempo de chegada ao Brasil deste grupo era de aproximadamente 3 anos e meio, sendo que metade dos entrevistados havia chegado no Brasil há mais de 4 anos.

Finalmente, os grupos de imigrantes de nível técnico foram compostos por 9 homens e 3 mulheres, entre 26 e 52 anos. A nacionalidade predominante era a francesa, com 4 entrevistados, além de um italiano e um português, totalizando 6 europeus. Os outros 6 eram latino-americanos, dos quais 2 chilenos, 1 argentino, 1 venezuelano, 1 boliviano, e 1 colombiano. O tempo médio de chegada ao Brasil deste grupo era consideravelmente mais baixo do que o dos imigrantes altamente qualificados, superando pouco a marca de 2 anos.

3.1 A decisão de deixar o país de origem e a escolha pelo Brasil

O primeiro aspecto trabalhado nos grupos focais dizia respeito aos motivos que levaram os entrevistados a deixarem seus países de origem e virem para o Brasil. No decorrer das entrevistas foi possível identificar três grupos muito claros: aqueles que decidiram emigrar em razão de perseguições políticas; aqueles que o fizeram buscando melhores condições de vida, e os chamados “cidadãos do mundo”. O primeiro deles foi o único que se limitou a apenas um grupo, o de refugiados e detentores de vistos concedidos por razões humanitárias. A maioria dos refugiados deixou seus países por sofrer perseguição política.

Eu estava no país como estudante, estava fazendo faculdade de jornalismo, mas, como qualquer outra pessoa que tem sonho, você quer realizar o seu sonho, mas infelizmente não realiza porque tem perseguições, muitas pessoas atrás de você. Eu estava na luta contra o governo, [do Congo] então como estudante e motivando outras pessoas para que as coisas melhorassem no país, então estava na luta e sofri muitas perseguições até deixar o país, saindo de lá e vindo para o Brasil. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Porque na verdade era filiado [a partido político], eu saí e vim porque tem guerra civil lá [no Mali]. Qualquer país se sair daqui vai para outro país. Guerra civil e todo mundo sabe disso. (Refugiados e Razões Humanitárias)

No caso dos haitianos, o deslocamento foi justificado pela busca de melhores condições de vida diante da história de conflitos internos que funcionavam como obstáculo ao desenvolvimento econômico do país e, mais recentemente, diante de catástrofes naturais. Os haitianos apresentaram como principais razões para emigrar a busca por melhores condições de trabalho e o aperfeiçoamento profissional, com o objetivo de enviar remessas a seus familiares que permaneceram no país.

Ele estava no Haiti era professor de matemática, mas não conseguiu sustentar a família com o salário de professor, então conseguiu vir para ajudar a família. (Refugiados e Razões Humanitárias)

A busca por melhores condições de vida dos haitianos aparece também em outros grupos focais, especialmente no de imigrantes de qualificação mais baixa. Não causa surpresa o fato de a crise econômica, em especial dos países europeus, ser referida como razão para emigrar. Os entrevistados afirmaram que, diante da recessão e consequente dificuldade de continuar com seus negócios, de permanecer em seus empregos ou de se inserir no mercado de trabalho, viram na emigração a possibilidade de iniciar uma nova fase em suas carreiras.

A França estava um pouco pesada de crise econômica. Todo mundo estava sem saber se tinha futuro. Tinha outra ideia do Brasil, todo mundo estava com projeto de empresa e tudo há 3 anos atrás. Na França estava todo mundo desanimado, sem perspectiva de futuro. (Técnicos)

Saí de Portugal pela crise econômica. Tinha uma empresa lá que começou a correr muito mal. [...] quando houve o choque fiscal em Portugal e resolvi vir para aqui. (Técnicos)

Um terceiro tipo de justificativa, distante das outras duas, apareceu dentre os entrevistados: o deslocamento simplesmente pelo desejo de viver outras culturas, novas experiências de vida. São pessoas para as quais poderíamos usar a expressão “cidadãos do mundo”. Elas afirmam que emigraram não por qualquer injunção seja econômica ou outra, mas pelo espírito de aventura. Nesses casos, o país de destino é apenas mais uma parada num processo de mobilização global.

Só conhecer, viajar. Eu havia morado em outros lugares. Eu havia morado em Cuba. (Técnicos)

É que gosto de viajar e conhecer outro país, pois, quando uma pessoa fica em meu país, é importante vir para outro país. (Empreendedores)

Sempre quis morar fora da França, descobrir outras culturas, falar outros idiomas. Antes, morei quatro anos no México. Agora, estou no Brasil. Já viajei à Venezuela, Chile, Colômbia, conheço muito a América Latina e não

sabia nada do Brasil, então novo idioma, nova cultura e aqui estou. (Acadêmicos).

É interessante notar que esse perfil não se limitou aos grupos de imigrantes mais qualificados. Exceto pelo grupo dos refugiados e razões humanitárias, esse perfil de “cidadãos do mundo” apareceu em todos os grupos focais.

Uma vez que é feita a escolha de deixar um país, por que esses imigrantes escolheram o Brasil? O clima tropical com sua luminosidade foi apontado como uma das razões de atratividade pelos imigrantes, em especial os dos países europeus. Esses entrevistados argumentam que o longo inverno em seus países, com dias curtos, impacta no humor das pessoas que lá residem, tornando-as depressivas, arredias e irritadas. Afirmam que em seus países, o Brasil é visto como um lugar interessante, com uma cultura musical rica, propício a aventuras, onde se pode “ir à praia após o trabalho”. Para eles, havia uma expectativa mais glamorosa de vida. É interessante notar, no entanto, que muitas vezes a apreciação do clima tropical e suas consequências para a vida cultural se confunde com uma imagem estereotipada: um lugar onde é Carnaval o ano todo, onde se ouve e dança samba diariamente nas ruas.

Eu tive cá em 2008, viajando o Brasil, Rio, São Paulo e me apaixonei pela paisagem, cultura, eu gosto do Brasil. Eu já vim para ficar aqui. Eu adoro sol, luz, me deixa disposto. (Técnicos)

Eu morava nos Estados Unidos e achava que no Brasil toda gente era feliz, era dançando, música, daí eu cheguei aqui achando que tudo era samba, música, tão unidos. (Empreendedores)

Vou falar por mim, mas a imagem que eu tinha sempre me interessei pelo Brasil, desde criança, mas a imagem que tinha era do Carnaval. Eu vim com a ideia que era festa todos os dias, música, samba na rua. Foi isso, macacos por todo lugar. Uma ideia bem diferente do que é. (Empreendedores)

Essa motivação da rica vida cultural e do clima tropical brasileiro esteve associada ao grupo que chamamos “cidadãos do mundo”, mas não apenas. O grupo que citou razões econômicas como principal motivação para o deslocamento, também falou sobre as características naturais e culturais do país. Ambos os grupos ressaltaram dentre os motivos de escolha do Brasil, a avaliação de que o país estava em fase de ascensão econômica, apresentando-se como uma alternativa vantajosa para se iniciar uma nova vida. O país estava “bombando” na percepção dos imigrantes, apresentando perspectivas de crescimento profissional. Tal é o caso de um engenheiro e de um arquiteto franceses que enxergaram a oportunidade de desenvolverem projetos de construção.

Estudei engenharia civil na França. Existiam vários intercâmbios, oportunidades. Como faço engenharia civil quis conhecer um país em crescimento, com várias coisas para construir, lá na Europa já tem muitas coisas prontas, menos obras. Escolhi o Brasil, mas agora a construção está

meio difícil aqui, mas ainda têm muitas coisas a construir, precisa de muita infraestrutura. (Alta qualificação)

Eu já tinha vontade de vir ao Brasil. Eu estava vendo coisas que estavam bombando coisas aqui. [...] Eu cheguei em janeiro de 2014. Tinha muita história. Meu irmão trabalha com publicidade e falou que a empresa dele conseguia fazer dinheiro no Brasil. Todo mundo estava falando do Brasil, que estava funcionando bem. Eu acho que a gente poderia melhorar aqui. Minha esposa trabalha com pâtisserie, e eu achei que poderia se dar bem. (Técnicos)

Para os imigrantes que vieram ao Brasil com vistos de estudante, a qualidade da educação pública superior no país foi o grande atrativo, além da sua gratuidade e da concessão de bolsas. Na Colômbia, por exemplo, os imigrantes relataram a ausência de universidades gratuitas, mesmo entre as federais, e o alto custo de fazer uma pós-graduação.

Na Colômbia, mesmo na universidade pública é muito caro fazer pós-graduação. A gente não tem universidade pública de graça. Então, isso é um atrativo enorme, estamos perto, temos bolsa para estudar, sem custo. A qualidade da educação é muito boa, é atraente, eu pessoalmente acho que no Brasil as pessoas não dão o valor que isso tem, a qualidade da educação. (Acadêmicos)

Eu comecei procurando um lugar para poder estudar fora do Chile e sempre quis fazer meus estudos e pós-graduação fora. Dentro do ranking tinha a USP e aí, depois conheci um brasileiro. Depois decidi viver com ele aqui. Depois, entrei na USP e continuei meus estudos. (Acadêmicos)

Há ainda que se ressaltar, entre os grupos de imigrantes altamente qualificados, a percepção de que o brasileiro tem como qualidade e vantagem competitiva o domínio da inteligência emocional, que o torna hábil para os relacionamentos interpessoais, sendo essa habilidade, no caso das organizações a responsável pelo sucesso ou insucesso profissional de seus colaboradores. Aqui a pessoa é mais importante do que a eficiência e, para os entrevistados, esse é um aspecto das relações de trabalho que os encanta: a sensibilidade de fazer um julgamento perspicaz e sensível a respeito do outro. É a inteligência emocional que permite aos brasileiros manterem-se motivados a realizar seus objetivos, apesar das adversidades, e a contarem com sua intuição e a criatividade. “O brasileiro é único”, dizem.

Mas é diferente. O Brasil tem para oferecer ao mundo a inteligência emocional, interpessoal; isso é muito bom. [...] Eu acho que tem muita diferença com a Europa, o Brasil é muito diferente. Aqui a pessoa vai muito pela intuição. (Alta qualificação)

O que encanta mais são as pessoas. As pessoas conseguem do nada fazer tudo, e ter sempre a predisposição de estar bem, fazer tudo o possível. De dormir quatro horas, trabalhar dez e ficar quatro no trânsito e ainda

assim... A principal diferença entre o Brasil e a Europa é muito a forma humana das relações. Os esforços, aqui, são muito maiores, porque a cidade é maior, mas as pessoas estão dispostas a fazer acontecer. (Acadêmicos)

Por fim, o grupo dos refugiados e de razões humanitárias diferenciou-se dos demais. Os imigrantes do Haiti vieram para o Brasil principalmente por causa do acordo entre os dois países e por acreditarem que aqui seriam melhor acolhidos do que, por exemplo, na França, para onde alguns conterrâneos haviam seguido. Os refugiados detentores de vistos concedidos por razões humanitárias, avaliaram que o país estava em uma situação econômica mais favorável do que os países europeus, de onde vinham notícias da crise. Depreende-se que todos nutriam muitas esperanças em relação à vida ao Brasil, acreditando que aqui teriam melhores condições de vida.

Naquela época? O que aconteceu no Haiti estavam muitos países que queriam escolher os haitianos para viajar, mas sabe que os haitianos são muito inteligentes. Por exemplo, na França escolheram para haitianos ir viajar, trabalhar e ter uma vida melhor. Os haitianos chegando à França será que vai ser melhor para nós? Não. Então é desse jeito que escolheram os países que vão. Para eles tipo uma vida melhor, como posso dizer, o imigrante seria melhor na França ou não? Não. Então o que fazíamos na época? Escolhia o Brasil, porque tem o contrato de governo e Haiti. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Ele [do Mali] viu que o Brasil era um país melhor. Europa tem crise, tem muita coisa, família e conhece a cultura lá [...] Na verdade ele tem familiar na Europa e tem algumas pessoas que eles sabem e que contam para eles como é a vida lá, que a vida é muito complicada. [...] Sim, porque lá está tendo crises [econômicas]. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Como era de se esperar os participantes dividem-se entre os que desejam permanecer no país por tempo indeterminado, estabelecendo suas raízes aqui, e os que veem essa experiência de vida como temporária. Os que desejam ficar apontam como razões para essa escolha as mesmas que influenciaram na decisão de emigrar: o clima tropical, a cordialidade do povo e as potencialidades de crescimento econômico do país.

No meu caso, vim aqui porque é escolha própria, quero morar aqui, então não tem uma data limite, quero fazer aqui, fazer a minha vida. (Alta qualificação)

No meu caso, foi bem difícil chegar até aqui por documentação e tudo. Por enquanto, eu quero ficar, viver aqui, morrer aqui. (Técnicos)

Eu acho que o Brasil tem todas as coisas da natureza que precisa. O Brasil pode ser autossuficiente. Se for gerenciado bem, o Brasil tem capacidade

de crescer muito. Os brasileiros trabalham muito mais do que as pessoas no meu país. Na Europa não pode trabalhar mais do que 40 horas por semana. Vocês são muito trabalhadores. Eu acho que vocês sofrem muito com o governo que vocês têm aqui. Eu acho que o povo brasileiro é forte, trabalhador, uma pessoa que quer avançar. O Brasil pode ser um país do futuro. Tanto é que eu escolhi para ficar aqui. Eu já morei em vários países, e nunca senti uma afinidade com um país. No Brasil, você se sente bem aqui. Eu me sinto bem, aqui. O jeito brasileiro é muito mais relaxado do que na Europa. (Acadêmicos)

Os entrevistados que pretendem voltar para seus países ou mesmo se dirigir para outros destinos justificam sua decisão pelo aumento do custo de vida e a consequente dificuldade de alcançar ou manter certo padrão de conforto, reflexos da crise econômica.

Como eu falei, para construir uma vida aqui, ter um futuro aqui, é difícil, estou morando num país, o francês na França é muito mais fácil, porque temos muito mais facilidade, porque temos saúde de graça, educação de graça, mais facilidade, aqui tem que lutar muito e ter muito dinheiro para ter boas condições, hoje não tenho dinheiro para ter boas condições, então não sei, vamos ver. (Alta qualificação)

A gente não tem filhos e a gente está pensando nisso. E a gente está pensando na saúde, escola, e tem muita coisa que funciona bem na França. A gente está ficando mais para poder desenvolver mais na vida, mas agora a gente está mais sobrevivendo aqui. A gente fica sempre no final do mês sem grana. É difícil de aceitar. (Técnicos)

3.2 Integração Econômica e Social no Brasil

Apesar de justificarem a vinda para o Brasil devido ao suposto clima receptivo do país, em todos os grupos foram reafirmados problemas significativos para legalização da situação dos imigrantes. A grande dificuldade enfrentada pelos entrevistados é a burocracia para a emissão dos diferentes documentos necessários para a sua regularização. São referidas inúmeras situações envolvendo desde a renovação dos diferentes tipos de vistos, passando pela aquisição do Registro Nacional de Estrangeiros (RNE), pela concessão da carteira de trabalho, até a emissão da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Não se trata somente dos inúmeros procedimentos necessários à obtenção de cada documento, as muitas idas aos órgãos que os emitem, as horas perdidas nas filas, e os longos prazos decorridos até a finalização desses processos, mas também os altos custos envolvidos. Os procedimentos são tão difíceis e demorados que empresas ou despachantes são contratados por aqueles que podem arcar com essas despesas, onerando ainda mais os processos. Os entrevistados afirmam que esses custos e dispêndio de tempo prejudicam sua contratação pelas empresas. Muitos ficaram meses sem poder trabalhar por causa da demora em adquirir todos os documentos.

É possível se você tem uma especialidade esperada aqui. Um engenheiro num nível bem avançado, você consegue. Mas é tudo papelada, documentos, taxas. É muito encargo para a empresa, por isso que a empresa não está tão interessada nisso. (Técnicos)

Eu fiz o visto permanente na Itália, porque eu casei lá. [...] Eu comecei a fazer na Itália, tem que traduzir o casamento para cá, tem que ter um cara para assinar e depois leva seis meses para ter um visto permanente. Depois, quando você chega no Brasil, você tem 90 dias para comunicar a Polícia Federal de que você está aqui. Levou mais seis meses para eu ter o RNE. Então, eu cheguei, aqui, no dia 24/11/2011, e meu RNE é de Março de 2012. Levou um ano e meio. (Técnicos)

A carteira para dirigir, nossa, foi tipo uma odisséia, mesmo tendo outro despachante contratado para fazer essa coisa, ali também foram 10 cadastros num dia, foi muito demorado. [...] Eu acho também essa coisa foi um resultado de uma política para o estado para garantir vagas [de trabalho]. (Alta qualificação)

Quando eu dei entrada para a renovação do visto, que seria automático, meu processo foi indeferido, mas daí eu provei tudo novamente e o processo ficou perdido no Ministério da Justiça, pois eles mudaram a lei e entre o Ministério da Justiça e Polícia Federal ficou perdido. Até o ano passado dei entrada na ouvidoria e acabou de sair no Diário Oficial há um mês atrás. (Empreendedores)

Diante das dificuldades referidas, os imigrantes lançam mão de algumas estratégias para a inserção no mercado. Pode-se entrar no país com visto de turista, renová-lo e, depois, se inscrever em um curso, obtendo um visto de estudante. Ou chega-se ao Brasil com o visto de estudante, enquanto procura uma empresa que aceite a contratação e providencie o visto de trabalho. Fica-se muitas vezes ilegal no Brasil, trabalhando sem a documentação exigida, na esperança da regularização, que pode acontecer pelo matrimônio, pela prole ou através do emprego em uma empresa.

Eu fiquei dois anos ilegais no Brasil, por quê? Porque eu tinha esse objetivo, eu sabia que na Europa estava ruim para eu voltar, [...] eu trabalhei em três empresas como ilegal. Não era só por não querer fazer, mas pela dificuldade que era em conseguir fazer. Primeiro ano de visto de estudante, mais dois de ilegal [...] nesse momento foi um momento de decisão para mim, que eu fiquei ilegal no Brasil e eu pensei: volto a Portugal e não tem trabalho e onde posso estar numa situação pior ou arrisco aqui porque estou acreditando, posso tentar e vai dar certo [...] surgiu a oportunidade de trabalho em São Paulo, com uma empresa estrangeira querendo contratar, vim e aí consegui o visto de trabalho. [...] A maior dificuldade foi as empresas entenderem também o processo como fazer, tudo isso. (Alta qualificação)

Como turista. Eu tinha três meses para chegar aqui, e ter um papel provisório que a polícia dá para a pessoa que casa. E aí, você pode ter todos os registros. Só que nesse tempo, você não pode trabalhar. Eu comecei a trabalhar em julho e ainda não tinha carteira. Eu falei com meu chefe, ele entendeu a situação e me deixou trabalhar. Era com jeitinho. (Técnicos)

Sou do México e estou aqui há seis anos. Já fiz de tudo aqui, cheguei legal, turismo, mas fiquei trabalhando sem documento e depois estudante. Depois eu fiz união estável e consegui residência, daí fiquei com carteira assinada em uma agência de viagens e agora montei a minha agência. (Empreendedores)

A validação do diploma é outro entrave burocrático à inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. O processo é muito demorado, burocrático e dispendioso. As universidades exigem a complementação curricular, o que nem sempre é possível para quem trabalha, além de demandar mais de um ano para cumprir as disciplinas em divergência. Ademais, os conselhos das faculdades se reúnem apenas duas vezes ao ano para julgar os pedidos de validação. Não se compreende porque a validação do diploma por uma universidade brasileira não é suficiente, sendo ainda necessária a aprovação em conselhos profissionais, quando é o caso.

Pedem muitos documentos, gasta-se muito dinheiro para validar: uma soma absurda para mim. [...] 1 ano e meio, mas ainda não está aprovado. Depois que você paga leva 14 meses para aprovar. É muito tempo. (Alta qualificação)

Aqui, o arquiteto tem que ser registrado no CAU. Isso você pode conseguir só quando você tem um diploma brasileiro. Eu poderia fazer isso, mas só se eu fizesse transferência do meu diploma. Só que eu não fiz isso, porque tinha um monte de papeladas e eu não tinha tempo de ir numa escola. São duas disciplinas por ano. É um grupo de arquitetos, pessoas que se reúnem e que dá a aplicação equivalente. Isso. Eu descobri que não é necessário em alguns escritórios. Mas você pode trabalhar e não pode assinar. (Técnicos)

No caso dos refugiados e de detentores de vistos concedidos por razões humanitária, o processo - que é diferenciado - deveria ser simplificado. No entanto, somente dois participantes, haitianos, entraram no país com visto de permanência concedido pelo consulado do Brasil em sua cidade. Os demais entraram ilegalmente pela fronteira, devido à dificuldade e à demora para a concessão de visto no Haiti, e ainda estão ilegais. Os refugiados do Congo e Mali entraram com visto de turista e aqui procuraram a organização Cáritas para obter o status de refugiado reconhecido. Os participantes se ressentiam da burocracia necessária para a regularização de sua situação, com exceção dos que já chegaram aqui com visto de permanência. Estes últimos afirmaram que o processo foi rápido e simplificado.

Deixa eu te contar. Naquela época que cheguei ao Brasil não estava muita dificuldade para conseguir o visto brasileiro, mas agora o que acontece no Haiti? Lá tem muita burocracia para poder conseguir um visto brasileiro para viajar, para vir para cá. Então o que eles fizeram? Pagaram as pessoas para poder transportar de outros países, muita burocracia para chegar. Não é questão que não quer vir com visto. (Refugiados e Razões Humanitárias)

É fácil para mim, pois, eu cheguei a São Paulo na Polícia Federal para fazer tudo, tirar protocolo, CPF, amanhã vou tirar trabalho, uns cinco dias. [...] É o acordo. Em cinco dias tem carteira de trabalho. Haitiano é rápido. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Além da questão burocrática de regularização do status legal dos imigrantes no Brasil, há um outro ponto bastante importante, sobretudo para os refugiados e detentores de vistos concedidos por razões humanitárias, que é o acolhimento na chegada. Todos os haitianos entrevistados já tinham onde ficar quando chegaram ao Brasil, pois enviaram dinheiro para que os seus conterrâneos aqui estabelecidos providenciassem o aluguel de um quarto ou de uma casa. No entanto, nas entrevistas os participantes expressaram a falta de uma estrutura de acolhimento aos imigrantes de suas condições. Organizações como a Cáritas tem assumido essa responsabilidade, mas faltam-lhes recursos.

Vou tentar explicar um pouco, mas não é fácil, é difícil. É extremamente difícil, mesmo a Cáritas que está lá com essa responsabilidade de acolher os refugiados, eles não têm recursos eficiente para acolher aqui. Então pessoas chegam aqui não tem uma organização que vai ajudar eles psicologicamente. No meu caso teve muitas coisas ruins e até hoje eu tenho traumas, não tinha uma pessoa que poderia ajudar nesse tipo de coisa. Você chega aqui vai a Cáritas e tem que saber como se virar. A Cáritas te ajuda no caso de documentos, protocolo. Você vai ao centro tem refeição de 1,00, come, mas agora [só dão] por três meses. (Refugiados e Razões Humanitárias)

A desinformação dos empregadores e instituições bancárias acerca dos processos de legalização, como por exemplo, a validade do protocolo emitido pela Polícia Federal em favor dos refugiados, é entrave à inserção dos imigrantes na sociedade brasileira.

Quando você vem para o Brasil tem a Cáritas que lhe dá um protocolo temporário e vai demorar de um ano a seis meses enquanto estão analisando o seu caso. Se tiver algum tipo de desperdício, se eles analisarem, mas não deu certo o que falou, então lá não vão lhe dar nenhum documento. Agora se o seu caso seja aprovado pelo Conare, vão dar o RNE, que é o visto de permanência. Com esse protocolo pode trabalhar, pode fazer qualquer outra coisa. Infelizmente muitas empresas não sabem o que é o protocolo. Até os bancos não sabem, pois, você vai lá

abrir uma conta não pode, mas é um documento que qualquer pode usar.
(Refugiados e Razões Humanitárias)

A burocracia para validação do diploma também aparece como um obstáculo à inserção deste grupo no mercado de trabalho. Refugiados e imigrantes com vistos concedidos por razões humanitárias qualificados acabam ocupando postos de trabalho que exigem muito pouca capacitação. Entre os entrevistados, por exemplo, havia um professor de matemática que trabalhava como pedreiro. Apenas o certificado de conclusão do ensino médio é imediatamente reconhecido. A solução encontrada pelos imigrantes é ingressar em outra faculdade aqui, opção mais barata e rápida de se obter um diploma de nível superior, ou então fazer um curso técnico no SENAI, por exemplo. São relatadas as dificuldades enfrentadas para conseguir arcar com os custos desses cursos.

Tem pessoas chegando ao Brasil que se formou em direito, administração e chegando aqui vira ajudante de pedreiro. Porque o diploma dele não é reconhecido, não reconhece o valor dele. Tem pessoas que ficam sete anos estudando, se formando em algo, mas chegando aqui não dá para trabalhar nessa área. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Mas faço há um ano e oito meses na construção civil, mas devagarzinho consegui entrar no SENAI para ficar no meu lugar, mas cada mês pagar 350 reais. Sim, se passar um ano e três meses lá depois sair, mas as professoras me convidaram a fazer outro curso, mas não consegui pagar. As minhas amigas no SENAI me ajudam a pagar o curso. Eu faço dois cursos lá. Depois acaba o curso espero uma empresa me chamar. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Os participantes desse grupo destacaram a dificuldade para encontrar emprego no Brasil. Não apenas estão sublocados em função de sua capacitação, como têm sua força de trabalho explorada pelos empregadores, sem pagamento de horas extras e recebendo baixos salários. Afirmou-se que era necessária muita qualificação para conseguir um emprego. O refugiado do Congo, por exemplo, disse só estar trabalhando porque falava três idiomas e tinha curso superior aqui no Brasil. Seu salário era de dois mil reais.

Sabe onde estou trabalhando, por que me aceitaram? Porque eu falo inglês, francês e português. Então você tem que ser extremamente competente, e qualquer erro, já era. Você tem que se esforçar muito, mas muito. Não é fácil. Tem algumas pessoas que só olham no lado que só tem erros, não pode corrigir, se errar algo já falam algo. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Por fim, os participantes relataram episódios em que foram vítimas de racismo ou xenofobia, sobretudo no ambiente de trabalho. Contaram que sofreram humilhações com a

justificativa de que eram “pretos” e que, portanto, deveriam se sujeitar a qualquer situação sem reclamar, porque estavam no Brasil para “trabalhar como escravos”. Manifestações de preconceito eram também observadas nos transportes públicos, como casos em que passageiros se levantam quando os participantes sentavam-se ao seu lado.

O, quero dizer, não são todos os brasileiros, mas os que eu conheço estão legais, de boa, mas a maioria ficou maltratando os haitianos por conta do racismo, porque o Haiti é um país pobre. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Eu trabalho com ele lá, daí ele falou para mim: “Você é um preto. Não pode fazer isso”. Eu sou filho de deus, por que me tratar assim? (Refugiados e Razões Humanitárias)

Ele está falando de preconceito. O preconceito nos lugares públicos, tipo ônibus, você está na rua, as meninas, as pessoas lhe vê diferente e não lhe considera como uma pessoa normal. Às vezes no ônibus senta em um lugar a pessoa levanta direto. Esse tipo de coisas acontece. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Como veremos abaixo, os casos de racismo e xenofobia não se limitaram ao grupo de refugiados e detentores de vistos concedidos por razões humanitárias. No entanto, nos demais grupos de imigrantes, pode-se observar um claro recorte nos testemunhos desse tipo de preconceito. Os grupos relataram vários episódios, vivenciados ou observados, de racismo ou xenofobia, que veiculavam estereótipos ligados a determinadas nacionalidades, como, por exemplo, colombianos - associados ao narcotráfico -, bolivianos - relacionados a subempregos em confecções de roupas -, haitianos e africanos - identificados à pobreza e falta de qualificação -, para além dos casos de discriminação racial.

Eu só tenho problema com brasileiro. Eu trabalho com brasileiro, o patrão fala comigo se posso fazer hora extra, eu trabalho 50h extra por mês, mas quando o pagamento chega só paga 20h extra. Falo com o patrão – “Por que isso? Eu vim trabalhar aqui junto com brasileiro, não quer me pagar bem?”. Ele está bravo comigo: ‘Você é haitiano, aqui no Brasil não é seu país’. (Refugiados e Razões Humanitárias)

Por ser colombiana. É assim: “Tem coca?”. É uma piada, sempre uma piada. Uma vez é engraçado, mas não duas, três, quatro. (Acadêmicos)

Eu pensava que ia ter um recebimento melhor. O brasileiro é muito enriquecido na cultura, mas um pouco fechado com estrangeiro. Senti preconceito por eu ser boliviano, eles falavam, você trabalha com costura. (Técnicos)

Por outro lado, sobretudo os imigrantes europeus, destacaram o acolhimento que receberam dos brasileiros, como algo muito positivo por serem “legais” e solidários. Estes

entrevistados, se surpreendem com o fato de as pessoas na rua socorrerem a quem passa mal ou cai, e se mostrarem disponíveis a oferecer seu tempo para ajudar a encontrar um endereço ou dar informações.

Eu tive uma boa surpresa, de um povo muito aconchegante, muito legal, eu estava chegando de um país bem fechado, que reclama muito, aqui sempre eu faço uma brincadeira, Sidney é o paraíso na terra onde as pessoas são um pouco chatas, São Paulo é uma cidade lixo, mas as pessoas são muito legais, para mim foi melhor, eu prefiro morar em São Paulo com pessoas legais do que em Sidney com pessoas fechadas, e isso foi o lado pessoal. (Alta qualificação)

Eu fui bem recebido tanto no trabalho como com os amigos. Eu cheguei, aqui, não tinha amigos. Eu acho que o estrangeiro aqui é bem recebido, querem saber de onde você veio. (Técnicos)

Aqui, quando você tem um problema na rua, o pessoal para e ajuda você. Depois você fala obrigado e eles falam, imagina. Eu não preciso imaginar um mundo assim, ele existe. É gente boa e é super gostoso. Isso tem um valor muito alto. (Acadêmicos)

4. Considerações Finais

A partir da análise qualitativa observam-se similaridades de percepção entre os sujeitos pesquisados, além da reafirmação do apontado por Sasaki e Assis (2000) sobre a percepção das redes de apoio, das questões referentes à economia e da necessidade de observar a questão da imigração para além das implicações econômicas das políticas públicas.

Nesse sentido, destaca-se a avaliação de que é importante reduzir a burocracia necessária à regularização da situação do imigrante no Brasil. Não apenas são muitos os documentos a serem concedidos, mas justamente em função dos numerosos trâmites, o prazo de emissão é longo. Há ainda dificuldade de compreensão da legislação bem como dos procedimentos. Avalia-se que havia a necessidade de um novo marco legal para a migração, pois o Estatuto do Estrangeiro tornou o país fechado para os fluxos migratórios e dificulta a atuação dos órgãos envolvidos na gestão da imigração⁹.

A questão da dificuldade de integração no mercado de trabalho foi apontada praticamente em todos os grupos, tendo em vista que a dificuldade e custo de revalidação do diploma estrangeiro se torna entrave importante para o aproveitamento adequado da mão de obra do imigrante que acaba ocupando funções abaixo de sua qualificação. Além disso, os imigrantes relataram outras dificuldades: a falta de informação das empresas sobre a validade do protocolo concedido pela Polícia Federal; o não reconhecimento de suas

⁹ No momento em que a pesquisa foi realizada, o projeto da nova lei de migração tramitava no Congresso Nacional. A Lei 13.445/2017 recebeu sanção presidencial em 24 de maio de 2017.

habilidades; e a falta de contatos nos diferentes meios profissionais, visto que a indicação é importante no Brasil.

Neste aspecto negativo é importante ainda destacar o racismo e/ou xenofobia: um claro viés de preconceito que dificulta a adaptação e inserção de imigrantes negros e latino-americanos na sociedade brasileiras. Foram eles que deixaram transparecer o enfrentamento de hostilidades baseadas na cor da pele ou na origem dos imigrantes. Os imigrantes europeus, por sua vez, destacaram a capacidade de acolhimento dos brasileiros. Como aspectos positivos de sua experiência no Brasil, além do clima ameno e predominantemente ensolarado e da riqueza cultural, ressaltaram a solidariedade dos brasileiros, seu domínio da “inteligência emocional” - habilidade para os relacionamentos interpessoais -, sua capacidade de se manterem motivados apesar das adversidades. Tais fatores teriam facilitado a integração dos imigrantes na sociedade.

Durante as entrevistas os imigrantes compreendiam a crise econômica nacional inserida em um contexto global e acreditavam que, na Europa, a situação estava muito pior. Ademais, os entrevistados assumiam que o Brasil seria um país do futuro e que superaria rapidamente essa fase difícil. Isso devido ao talento dos brasileiros para superar as dificuldades através de seu espírito alegre, do uso de sua intuição e criatividade, aliado ao fato de contarmos com abundantes recursos naturais e termos potencial de crescimento. Por essa razão, parcela considerável dos participantes dos grupos focais afirmou que pretendia estabelecer suas raízes aqui.

No presente contexto de reconfiguração dos fluxos migratórios globais e desafios econômicos e políticos no Brasil, a nova lei de migração introduziu mudanças importantes na legislação, ao privilegiar a dimensão dos direitos dos imigrantes. No entanto, ainda há pontos em aberto - em especial a regulamentação da lei com a criação de órgão governamental para administrar a política migratória - que precisam ser tratados para facilitar a integração de imigrantes laborais e refugiados, aspectos para os quais o presente trabalho espera ter contribuído.

Artigo recebido em 21 jul. 2017.

Aprovado para publicação em 21 nov. 2017.

Referências

ALESINA, A.; HARNOSS, J.; RAPOPORT, H. Birthplace Diversity and Economic Prosperity. *NBER Working Paper Series*, n. 18699, 2013.

BORJAS, G. The Economic Analysis of Immigration. In: *Handbook of Labor Economics 3*, 1999. p.1697-1760.

_____. Economics of Migration. In: *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*. Section 3.4, n.38, 2000, p.1-21.

DOCQUIER, F.; MACHADO, J. *Global Competition for attracting talents and the world economy*. The World Economy 2013. 2013.

FRANKLAND J.; BLOOR M. The analytical potential of sensitive moments in focus group discussions. In: KITZINGER J.; BARBOUR R.S. (Orgs.). *Developing focus group research: politics, theory and practice*. London: Sage, 1999. p.156-72.

GABACCIA, Donna. *Seeking common ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Londres: Praeger, 1992.

GREEN, Nancy L. Tempo e Estudo da Assimilação. *Antropolítica*, n.25, p.11-22, 2008.

KRUEGER, R. *Designing and conducting focus group interviews: Notes*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

MASSEY, D.; ALARCON R.; DURAND J.; GONZALEZH. *Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press 1987.

MERTON, R.; FISKE, M.; KENDALL, P.L. *The focused interview: a manual of problems and procedures*. New York: Free Press, 1999.

OLIVEIRA, M. O Tema da Imigração na Sociologia Clássica. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v.57, n.1, p.73-100, 2014.

PORTES, A. Determinants of the brain drain. *International Migration Review*, v.10, n.4, 1976.

RICHMOND, A. H. *Immigration and ethnic conflict*. Londres: MacMillan Press, 1988.

SJAASTAD, L.A. The Costs and Returns of Human Migration. *Journal of Political Economy*, v.70, n.5, p.80-93, 1962.

STARK, O.; DORN, A. International migration, human capital formation, and saving. *Economics Letters*, Elsevier, v.118, p.411-414, 2013.

SASAKI, E; Assis, Gl. Teorias das migrações internacionais. In: *XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 2000, Caxambu (MG). XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2000.

THOMAS, W. I.; ZNANIECKI, F. *The Polish peasant in Europe and America*. Chicago: University of Illinois Press, 1984.